

VOGAIS MÉDIAS POSTÔNICAS NÃO-FINAIS NA FALA CULTA CARIOCA

Alessandra de Paula Santos (UFRJ/CNPq)

INTRODUÇÃO

A variação no âmbito das vogais médias, em contexto átono, constitui uma das características marcantes do Português do Brasil, em decorrência da atuação do processo de alteamento. No que concerne ao quadro vocálico postônico não-final, os trabalhos sobre o tema não apresentam consenso sobre a redução das oposições fonológicas que atinge esse contexto acentual.

Câmara Jr. (1970), ancorado na noção estruturalista de neutralização, postula a existência de cinco, quatro e três segmentos fonológicos, respectivamente, nos contextos pretônico, postônico não-final e postônico final. A respeito das sílabas postônicas não-finais, o autor diz que a oposição se mantém entre /E/ e /i/, assim como ocorre nas sílabas pretônicas, mas não entre /O/ e /u/, configurando-se um quadro de quatro segmentos fonológicos (/i, E, a, U/).

A ausência de pares mínimos que confirmem a oposição entre /E/ e /i/ alimenta a discussão. A impossibilidade de encontrá-los acontece porque tal contexto está relacionado ao grupo das palavras proparoxítonas, que apresenta o padrão acentual menos usual da língua. Câmara Jr. sempre se apoiou em pares análogos como *tráfego/tráfico*, mas termos que são freqüentemente pronunciados com a vogal anterior alta vão contra a sua proposta (*pêss[e]go/pêss[i]go*; *núm[e]ro/núm[i]ro*, por exemplo). Por outro lado, dados como *vértebra*, *cátedra* e *véspera*, nos quais o alteamento não parece ser comum, são exemplos de que o alteamento da vogal anterior tem apresentado resistência.

Para Bisol (2003), o sistema de quatro elementos é assimétrico e não natural, ainda que tenha uma explicação fisiológica – na cavidade bucal, a distância entre os pontos de articulação das vogais posteriores, [o] e [u], é menor do que a distância entre os das vogais anteriores, [e] e [i].

Bisol apóia-se no modelo de Clements, que segue a Teoria Auto-segmental e a Geometria de Traços, para definir o sistema vocálico do Português do Brasil. Segundo esse modelo, as línguas românicas apresentam um registro primário (3 vogais), um registro secundário (5 vogais) e um registro terciário (7 vogais), sendo os dois primeiros resultantes da neutralização dos traços [aberto 3] e/ou [aberto 2], expostos no quadro a seguir:

Quadro 1. Vocalismo românico segundo Clements (*apud* Bisol 2003)

Abertura	i/u	e/o	ɛ/ɔ	a
aberto 1	-	-	-	+
aberto 2	-	+	+	+
aberto3	-	-	+	+

Com base no modelo auto-segmental de Clements para as línguas românicas, a autora defende que a instabilidade fonológica no contexto postônico não-final é, na verdade, fruto de uma flutuação entre o quadro de 3 vogais (típico da posição postônica final) e o quadro de 5 vogais (típico da posição pretônica). Para a autora, a língua apresenta tendência de regularização em 3 elementos.

Trabalhos de orientação sociolinguística variacionista têm observado o fenômeno do alteamento em sílabas postônicas não-finais.

Vieira (2002) mostrou que, nos dialetos sulistas, o contexto fonético é imprescindível para a elevação ou a manutenção das vogais médias postônicas não-finais. Um *onset* labial favorece o

alteamento da média posterior, enquanto a presença de consoantes fricativas alveolares ([s, z]) nessa posição silábica é o que influencia a média anterior, fazendo-a elevar-se freqüentemente.

Trabalhos realizados por De Paula (2008) e Brandão & De Paula (2007 e 2008) enfocam a fala culta e a fala popular do Estado do Rio de Janeiro e apontam um condicionamento lexical para a variação entre vogais postônicas não-finais médias e altas, principalmente por esse estudo se referir a um grupo de palavras pouco produtivo no português. Seus resultados apontam que alguns itens lexicais dos *corpora* levantados apresentam comportamento idiossincrático. Além disso, a presença de estrutura fonotática no vocábulo que possibilite a ressilabificação pelo apagamento da vogal postônica não-final (*a.bó.bo.ra* → *a.bo.bra*; *vés.pe.ra* → *ves.pra*) demonstraram que o estudo do sistema fonológico postônico não-final deve estar atento à constituição lexical da língua.

Os resultados desses trabalhos indicaram também que a implementação do quadro de três vogais constitui norma na fala popular e que condicionamentos extralingüísticos estão relacionados à manutenção das vogais médias. De Paula (2008) verificou que, na fala popular, o monitoramento do discurso por parte do falante inibe o alteamento e Brandão & De Paula (2008) mostraram que a fala culta é a variedade de fala que mais realiza as variantes médias, no Estado de Rio de Janeiro.

Este estudo, ancorado nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolingüística Variacionista, irá analisar o fenômeno em inquéritos de falantes cultos, referentes à amostra do Projeto NURC-RJ, para verificar os resultados de trabalhos anteriores, que indicam que os indivíduos com maior grau de instrução ainda implementam as variantes médias [e] e [o] com freqüência. Será empreendida uma análise lexical do corpus levantado, considerando-se apenas o contexto anterior, vogal /e/, a fim de verificar se os termos usuais ou pouco usuais na língua portuguesa condicionam a manutenção ou o alteamento da vogal média postônica não-final.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE PROPAROXÍTONAS

O estudo da sílaba postônica não-final, no português, está relacionado ao grupo das palavras proparoxítonas, conjunto que apresenta o padrão acentual menos usual da língua (desconsiderando-se as palavras esdrúxulas, consideradas não-prototípicas). Além disso, a maior parte das proparoxítonas restringe-se a termos técnicos e pouco usuais, sendo raros os termos que persistem ainda hoje no vocabulário ativo dos falantes.

Araújo *et alii* 2007 efetuaram um levantamento do vocabulário do português contabilizando todos os verbetes do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Os autores chegaram a um total de 150.875 palavras, das quais 18.413 são termos proparoxítonos, o que equivale a apenas 12% do total¹. Nesse conjunto, apenas 20,2% equivalem a vocábulos com postônicas não-finais médias /e/ e /o/, conforme índices percentuais por eles fornecidos (p. 57-58):

/i/	/e/	/a/	/o/	/u/
65,5%	9,7%	10,9%	10,5%	3,6%

Assim, trabalhos sobre o quadro vocálico postônico não-final, em tese, estão inseridos em um universo de 3.719,42 vocábulos, dos quais, a grande maioria é muito pouco freqüente na fala espontânea. Para exemplificar a discrepância entre o número de entradas no dicionário e o número de palavras em uso efetivo, no universo das proparoxítonas, apresenta-se aqui, levantamento das proparoxítonas iniciadas pela consoante <n> na listagem de Araújo *et alii* 2007. Tal listagem apresenta 468 palavras proparoxítonas iniciadas por <n>, das quais apenas 49 apresentam a vogal média anterior

1 As paroxítonas, padrão acentual canônico do português, representam 63% desse conjunto e as oxítonas, 25%.

postônica não-final /e/ e 45 a posterior /o/. Desses dois conjuntos, apenas cinco palavras foram consideradas usuais no português (pela autora deste trabalho) ou, ao menos, facilmente reconhecíveis pelos falantes da língua, ainda que tais termos não pertençam a seu vocabulário ativo. São elas: *nádega*, *nêspêra*, *número*, *numerólogo* e *nutrólogo*.

O levantamento que vem sendo realizado no restante da listagem de proparoxítonas também tem demonstrado a existência de um pequeno número de palavras com postônicas não-finais médias consideradas como pertencentes ao vocabulário ativo do falante brasileiro.

Por tudo isso, ressalta-se, mais uma vez, que os resultados de uma análise fonológica restrita aos itens proparoxítonos podem ser lexicalmente motivados. Em um trabalho quantitativo, os resultados podem ser reflexo das características dos termos mais frequentes. Em virtude disso, análises lexicais de caráter qualitativo que enfoquem também o comportamento de cada item lexical são importantíssimas para o estudo do vocalismo postônico não-final.

O *corpus* do presente trabalho será observado pontualmente, para que se verifiquem possíveis comportamentos idiossincráticos. No âmbito das vogais anteriores, pretende-se verificar se o uso das médias pelos falantes cultos pode estar vinculado ao fato de alguns vocábulos, considerados pouco usuais, estarem presentes apenas nas amostras de fala culta, o que confirmaria o condicionamento lexical da variação nesse fenômeno. Neste estudo, pretende-se, portanto, verificar o comportamento dos itens lexicais proparoxítonos, em especial daqueles considerados poucos usuais, para melhor compreender os fatores que condicionam a manutenção/alteamento das vogais médias em contexto postônico não-final.

2. METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho será utilizado o *corpus* NURC-RJ (Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro), constituído por entrevistas do tipo DID – diálogo entre informante e documentador – com informantes naturais da cidade do Rio de Janeiro e de nível superior completo. Foram considerados inquéritos de 19 informantes, 14 do sexo masculino e 5 do sexo feminino, que distribuem-se por três faixas etárias, a saber: 25-35 anos (faixa 1), 36-55 anos (faixa 2) e 56 anos em diante (faixa 3).

Encontraram-se 61 dados de proparoxítonas com vogal postônica não-final /e/ subjacente. O conjunto de dados está distribuído por 18 itens proparoxítonos. São eles: *almôndega*, *célebre*, *cérebro*, *fenômeno*, *gêneros*, *indígena*, *inúmero*, *líderes*, *número*, *ópera*, *pálpebra*, *pêssego*, *quilômetro*, *tráfego*, *úlcera*, *útero*, *velocípede* e *vértebra*.

Nessa etapa do trabalho, será estudado apenas o contexto da vogal média anterior. A respeito desse fonema vocálico, os trabalhos anteriores sobre o tema dizem que o processo de alteamento encontra resistência e que existe grande variação entre vogais médias e altas.

No que concerne à fala culta, o alteamento da vogal anterior tem encontrado tanta resistência, que não é a opção mais frequente para a realização da vogal. Enquanto isso, no contexto posterior, ele tem sido frequentemente implementado e apresenta altos índices de frequência, ainda que não sejam índices tão altos como os que se encontra na variedade popular.

Como o trabalho de De Paula (2008) demonstrou, a manutenção das vogais médias, na fala popular, está relacionada a questões de monitoramento do discurso. Por isso, pretende-se verificar se pressões sociais ou normativas estão relacionadas aos altos índices de manutenção da média anterior, na fala culta. Parte-se da hipótese de que a ocorrência de termos poucos usuais, na fala culta, contribui para a alta frequência da vogal média anterior, por conta de comportamentos idiossincráticos das proparoxítonas.

Por conta do pequeno número de dados, o estudo aqui realizado não irá empreender uma análise estatística. Os itens lexicais proparoxítonos levantados serão observados pontualmente, para que seu comportamento seja observado, no que concerne à realização dos fonemas vocálicos

postônicos não-finais. Também não será controlado o gênero dos informantes estudados, o que não apresenta um problema metodológico, pois nenhum dos trabalhos anteriores sobre o vocalismo postônico não-final apontou comportamentos diversos entre homens e mulheres no que concerne ao alteamento/manutenção das vogais médias. Mesmo assim, não está descartada a possibilidade de se ampliar o *corpus* desta pesquisa, em momento futuro, não apenas para que o gênero seja considerado sistematicamente, mas também para que sejam levantados mais dados do fenômeno estudado, os quais possam ser analisados estatisticamente.

3. ANÁLISE DOS DADOS

Das 18 palavras que compõem o *corpus* deste trabalho, 08 foram consideradas itens pouco usuais e 09, consideradas usuais. Deve-se ressaltar que tal divisão foi realizada com base no julgamento pessoal da autora desse trabalho e que a classificação de um termo como usual ou não está ligada a critérios relativos e intimamente relacionada a questões sociais. Foram classificados como pouco usuais os termos *célebre*, *fenômeno*, *gêneros*, *indígenas*, *inúmeros*, *ópera*, *pálpebras* e *vértebras*; e como usuais os termos *almôndega*, *cérebro*, *número*, *pêssego*, *quilômetro*, *tráfego*, *úlcera*, *útero*, e *velocípede*.

Um primeiro olhar sobre o *corpus* parece mostrar que a realização da média em alguns termos considerados poucos usuais vai ao encontro da hipótese inicial: a presença, em maior quantidade, de termos incomuns na fala culta condicionaria os percentuais de manutenção das vogais médias postônicas não-finais. A palavra *vértebras*, por exemplo, foi encontrada quatro vezes e em três delas a realização da vogal foi com a abertura média. Já palavras como *gêneros* e *pálpebras* ocorreram sempre com a variante [e]. Se tal condicionamento realmente existe, os altos percentuais de [i], na fala popular, apontariam a ausência de termos incomuns, pouco usuais, nessa variedade de fala.

A tabela a seguir apresenta o conjunto dos vocábulos considerados pouco usuais encontrados neste trabalho:

Tabela 1. Controle de vocábulos pouco usuais com vogal média anterior postônica não-final referentes ao *Corpus* NURC

Palavra não-usual	[i]	[e]	ø	Total
célebre	0	1	0	1
fenômeno	0	1	0	1
gêneros	0	2	0	2
indígenas	1	0	0	1
inúmeros	0	3	0	3
ópera	0	7	0	7
pálpebras	0	1	0	1
vértebras	0	3	1	4

Como é possível observar pela Tabela 1, a realização da vogal /e/ postônica não-final acontece como média na maioria das vezes, em termos de baixa frequência na fala brasileira.

Apesar de os termos pouco usuais apresentarem predominância quase absoluta de manutenção da vogal média postônica não-final, os índices de alteamento também foram baixos nos termos considerados muito frequentes. Por conta disso e do pequeno número de dados encontrados, ainda não é possível confirmar a hipótese de que a resistência à implementação do quadro de 03 elementos, na variedade de fala culta, é condicionada pela presença de muitos termos pertencentes ao vocabulário passivo, ou seja, ao vocabulário adquirido de forma não-natural, por pressão escolar ou normativa.

No nível da constituição do léxico, também há indícios de que a ocorrência de termos proparoxítonos pouco usuais caracteriza a fala culta: de 18 palavras diferentes, 08 foram consideradas não-usuais, o que corresponde a quase 50% do conjunto de proparoxítonas encontradas no *corpus*.

Este fato pode condicionar a variação no âmbito das vogais médias postônicas não-finais, se a manutenção da média é realmente mais comum em termos pouco usuais do que em termos frequentemente realizados.

Por outro lado, considerando-se percentuais de ocorrência, os termos usuais suplantam aqueles não-usuais, pois são, obviamente, realizados mais vezes, tanto na fala culta quanto na popular. As palavras *número* e *cérebro*, por exemplo, apresentam altos índices de frequência, assim como, no âmbito da vogal média posterior, a palavra *época*, tem grande índice de realização, em todas as variedades de fala. A palavra *pálpebra*, por exemplo, considerada pouco usual, foi encontrada apenas uma vez no *corpus* deste trabalho, enquanto a palavra *número*, considerada muito usual, foi realizada 16 vezes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados mostraram que, na fala culta, as palavras proparoxítonas usuais dividem espaço com as pouco usuais, que representam quase 50% do universo lexical proparoxítono com vogal média postônica não-final. Essa realidade demonstra haver diferença entre a fala culta e a popular, no que tange o universo lexical do quadro vocálico postônico não-final.

No que concerne à manutenção ou alteamento das vogais médias postônicas não-finais, os percentuais de vogal [e] são altos tanto em termos usuais quanto em poucos usuais. Isso contraria a hipótese de que a presença de termos poucos usuais na fala culta condiciona os altos índices da vogal média nessa variedade.

Apesar de existir maior variação no âmbito dos termos usuais, em que a variante alta [i] tem maior representação, não se pode deixar de considerar que isso é verificado porque os termos usuais ocorrem mais vezes do que os poucos usuais, independentemente da variedade considerada, ainda que no âmbito lexical a representatividade dos dois tipos de palavras seja equilibrada. Assim, em etapas futuras dessa pesquisa, é importante que o *corpus* considerado seja ampliado para que os itens lexicais pouco usuais sejam mais amplamente representados e a variação entre a vogal média e a alta seja observada mais claramente nesses termos, assim como é possível observá-la nos termos muito usuais.

Os termos pouco usuais também devem ser estudados na fala popular, para que se investigue se a manutenção ou alteamento da vogal média anterior, na fala popular, está relacionada à presença ou não desses termos. Se tal condicionamento for constatado, ficará comprovada finalmente a hipótese levantada para esse trabalho, segundo a qual há uma maior resistência ao processo de alteamento nas sílabas postônicas não-finais de termos pertencentes ao vocabulário passivo dos falantes.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, G. A.de et al. 2007. As proparoxítonas e o sistema acentual do português. In: ARAÚJO, G. A.de (org) *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial. p. 37- 60.
- BATTISTI, E.; VIEIRA, M. J. B. 2005. O sistema vocálico do português. In: BISOL, L. (org) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 4. ed. rev. e aum. Porto Alegre: EDIPUCRS. p. 171-206.
- BISOL, L. 2003. A neutralização das átonas. *Revista D.E.L.T.A.*, 19 (2): 267-276.
- _____; MAGALHÃES, J. S. 2004. A redução vocálica no português brasileiro: avaliação via restrições. *Revista da ABRALIN*, III (1-2): 195-216.
- BRANDÃO, S. F.; DE PAULA, A. 2007. O comportamento das vogais médias postônicas não-finais na fala fluminense. Comunicação apresentada ao Simpósio sobre as Vogais (SIS-Vogais). João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 15-17 nov.
- _____. 2008. Vogais médias postônicas não-finais nas falas culta e popular do Rio de Janeiro. Comunicação apresentada no XV Congresso Internacional da Associação de Linguística e Filologia da

América Latina. Montevideu, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la República, 18-21 ago.

CAGLIARI, L. 1992. Da importância da prosódia na descrição de fatos gramaticais. In: R. Ilari (org.) *Gramática do Português Falado* vol. II. Campinas: Ed. Unicamp. pp. 39-64.

CAMARA Jr., J. M. 1970. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes.

CARDOSO, S. A. M. 2007. O apagamento das postônicas não-finais: um fenômeno atemporal e atópico? In: Castilho, A.; Torres Morais, M. A.; Lopes, R.; Cyrino, S. *Descrição, história e aquisição*. São Paulo : Fontes/FAPESP: 207-215.

DE PAULA, A. 2007a. Vogais médias postônicas não-finais na fala popular do Estado do Rio de Janeiro. Painel apresentado no 55º Seminário do GEL. Franca, Universidade de Franca, 26-28 jul.

_____. 2007b. O comportamento das vogais médias postônicas não-finais na fala fluminense. Comunicação apresentada na XXIX Jornada de Iniciação Científica da UFRJ. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro; 09-11 out.

_____. 2008. As vogais médias postônicas não-finais em *corpora* de perfis sócio e geolinguísticos. Comunicação apresentada ao 56º Seminário do GEL. São José do Rio Preto, jul.

LABOV, W. 1972. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania.

_____. 1976. *Sociolinguistique*. Paris: Les Éditions de Minuit.

_____. 1994. *Principles of linguistic change*. Oxford: Blackwell Publishers. vol. 1.

VIEIRA, M. J. B. 2002. As vogais médias pretônicas. Uma análise variacionista. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (org) *Fonologia e variação. Recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS. p. 127-159.